

(Dom Manoel Ceia Laranjeira foi eleito Patriarca do Rito Brasiliense, quando da restauração do Movimento Católico Independente em 1965/1966, após a malograda união ecumênica com o Catolicismo de Roma) – Dom Felismar Manoel – Bispo Primaz da ICAI-TS – Advento de 2010

Mensagem Pastoral

DOM MANOEL CEIA LARANJEIRA, POR MERCÊ DE DEUS, BISPO CATÓLICO E APOSTÓLICO DA IGREJA CATÓLICA LIVRE NO BRASIL, DIOCESANO DO RIO DE JANEIRO.

AO PÚBLICO

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ao nos dirigirmos pela primeira vez ao público, como bispo em plena investidura, sentimos o gravame de uma responsabilidade imensa, e que nos teria levado a desistir, não fora o sentimento íntimo de um dever iniludível, a confiança que temos no auxílio que vem do alto e o apôio dos que nos elegeram, com a aprovação do Conselho Diocesano de São Paulo, sob a presidência de S. Excia. Revma. Dom Salomão Ferraz, de cujas mãos venerandas acabamos de receber a “Plenitude do Sacerdócio”. E contamos com a solidariedade geral do público, a quem nos devotamos a servir, na medida das nossas forças, em nome do Senhor.

SAUDAÇÃO AOS BISPOS

A todos os Bispos do orbe, sem exceção, e particularmente os que militam nesta metrópole e em todo o Brasil, as nossas fraternais saudações em Nosso Senhor Jesus Cristo – penhor das preces sinceras que sem cessar fazemos subir a Deus a favor deles na Santa Missa. Pois cremos que nos assiste o dever de seguir o caminho que nos tracejou a Providência, fiel à visão celestial – sem todavia romper, de nossa parte, os sagrados laços de fraternidade que nos vinculam a Cristo e, por meio dele, aos valorosos irmãos que procuram também cumprir o seu dever na situação em que se encontram. Deus conhece o íntimo dos seus corações, os seus grandes

problemas, as suas contingências, como também as nossas, e nos guiará, em tudo, pelo caminho da luz, da paz, da fraternidade e da vitória. A Deus seja toda a honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém.

IGREJA CATÓLICA LIVRE NO BRASIL

A causa que propugnamos não é de natureza pessoal, particular ou restrita. E por isso julgamos de nossa obrigação, neste momento, apresentar ao público, em síntese, os primórdios e a razão de ser de um movimento de âmbito universal, e que em nosso país foi lançado com o nome de **IGREJA CATÓLICA LIVRE NO BRASIL**.

A idéia de uma Igreja livre, isto é, desembaraçada para agir diretamente em nome de Cristo e da fé apostólica universal, superior a qualquer tutela política nacional ou internacional, é muito antiga no Brasil; vem desde os dias do Regente Feijó, logo após o Grito do Ipiranga. Foi preconizada por uma grande mentalidade nacional, como a do Dr. Luiz Pereira Barreto, e magistralmente sugerida na obra prima de Rui Barbosa – “O Papa e o Concílio”.

Porém a sua efetividade, em bases práticas e operantes, realizou-se em dezembro de 1936, em São Paulo, por ocasião do 1º Congresso Católico Livre, que lançou um movimento destinado a uma grande projeção de ordem nacional e geral, sob a sugestiva legenda de IGREJA CATÓLICA LIVRE NO BRASIL; sendo então eleito bispo um sacerdote que há longos anos se vinha distinguindo pela sua campanha, inteligente e tenaz, pela causa da “Igreja Livre, na Pátria livre”.

E o Bispo Dom Salomão Ferraz, então eleito, e investido na plenitude sacerdotal, vem liderando o movimento que dia a dia se radica mais profundamente no país e se expande em todas as direções, levando a sua influência para além das fronteiras nacionais.

A Igreja Católica Livre no Brasil tem o apoio não somente dos bispos, dos padres e dos fiéis diretamente ligados à Igreja Livre, mas o apoio de todas as almas crentes, sequiosas de luz, de vida e da verdadeira liberdade que Cristo veio trazer ao mundo.

A base essencial da Igreja Livre não é nenhum bispo mais infalível que os outros; não é nem o consenso popular, tantas vezes dementado; nem a letra de um livro especialmente inspirado e tantas vezes erroneamente interpretado. A base essencial da Igreja Livre é o Cristo Livre, vivo, real, presente, e particularmente com os que se congregam em seu nome, para os fins generosos do seu reino, fiados na sua promessa: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” Daí o vivo interesse da Igreja Livre no ato sacramental do partir do pão na santa missa,

que é celebrada em português, a língua que todo o povo entende, e não em latim, língua estranha e morta. Uma religião viva requer, para sua devida expressão, uma língua viva.

Mas tudo isto, sem desmerecer em nada o valor histórico e tradicional da Igreja e da fé recebida como sagrada herança, transmitida por eles invisíveis, e também visíveis, como os da sucessão apostólica dos seus bispos que receberam a sagrada investidura de outros que as tiveram dos seus antecessores, sem interrupção, até a fonte originária em Cristo e seus apóstolos. É um grande conforto a consciência de que não professamos uma nova religião, nem fundamos uma nova Igreja, mas simplesmente concorrendo para dar mais adequada expressão à Igreja de Cristo, uma, santa, católica e apostólica. Estamos pondo apenas em evidência alguns dos seus aspectos que devem ser hoje especialmente frisados, para que a glória de Cristo seja visível no mundo. Estamos mostrando as verdadeiras bases do catolicismo apostólico que nenhum acidente social pode abalar.

A Igreja Católica Livre destina-se a criar entre os homens, especialmente entre os que professam a religião de Cristo, um clima de paz e de boa vontade. Quando isto existe, as demais questões facilmente se ajustam – no íntimo das almas, no seio das famílias, na vida nacional e nas relações internacionais.

Porque não se pode levar a cabo, em um país, uma obra de saudável reforma política e social, sem se levar em conta, preliminarmente, a reforma – não diríamos a reforma da religião, que é uma só, católica, integral, universal – mas a reforma da mentalidade religiosa, isto é, o modo social de encarar a religião.

Precisamos de uma mentalidade católica, sem dúvida, porém livre, como a estabeleceu Nosso Senhor, e como lhe lançaram os fundamentos os Apóstolos e os representantes da religião nos séculos primitivos da Igreja.

LIVRES! POR QUE? PARA QUE?

Católicos, sim, mas também livres.

Livres, pela confiança na validade absoluta do sacrifício na cruz para a salvação individual e social.

Livres, na valorização dos fiéis, pela sua integração no culto, que deixa de ser um ato de afirmação de poderio clerical, para ser, como originariamente, um ato religioso e social, de que o povo participa mediante a liturgia na língua nacional.

Livres, na valorização dos ministros, que deixam de ser uma espécie de alimárias, mudas, amordaçadas, para se tornarem homens, homens livres, responsáveis, com o direito de pensar e expressar o seu pensamento, e com

o direito de serem integrados na vida nacional mediante a família legitimamente constituída, segundo a regra divina e o exemplo apostólico. Livres, para proclamar a todos os homens o santo evangelho da livre graça de Deus, e o livre acesso das almas crentes a Deus, sem embargos humanos artificiais.

Livres, para dar aos sacramentos o seu verdadeiro sentido, o seu verdadeiro valor, como selos de Deus, e não como marcas de propriedade humana de padres ou de seitas; para mostrar que o Santo Batismo, em nome de Deus, confere ao homem um título sagrado, inviolável, e que coloca o batizado em direta relação com Deus, independente dos agentes humanos e os seus caprichos; que a Eucaristia é um pacto social, novo, livre, no plano superior em que as almas crentes reafirmam sua união com Deus e a universal irmandade dos crentes, acima de qualquer política de clérigos ou de seitas que se julgam no senhorio das almas; que as sagradas ordens do ministério são selos divinos, sacramentais, sagrados, invioláveis, e não meros mandatos políticos de bispos ou de seitas; que o sacramento da penitência é destinado à cura e a saúde das almas, e não artifício para as manter na condição de perpétua invalidez; para pôr sem medo as Santas Escrituras nas mãos do povo e ensiná-lo a ler com reverencia e proveito a mensagem do Pai celestial.

Livres, para estender a todos os homens, e em particular aos que professam a mesma fé cristã, termos de leal e respeitosa fraternidade, independente de qualquer política de bispos, patriarcas, de papas ou de seitas.

Livres, para seguir desassombradamente a nossa vocação cristã em terras do Novo Mundo, sem necessidade de importar para aqui odiosidades e preconceitos de outras eras, de outros povos e outros climas.

Livres, para servir a toda humanidade, nos termos livres do novo pacto social, firmado no sangue da redenção, e sem esquecer – lembremos bem! – da nossa especial obrigação para com a pátria brasileira.

Livres, porque cremos na fraternidade universal dos crentes e das nações. E esta fraternidade só é possível entre homens livres, igrejas livres e povos livres.

Livres, enfim, porque esta é a única maneira em que poderá subsistir e triunfar a santa fé católica e apostólica em nossa pátria e no mundo em nossos dias.

DISTINTIVOS

A Igreja Católica Livre conserva em sua integridade a santa fé católica e apostólica, com os seguintes distintivos:

1. A Missa e todos os atos devocionais em português, na língua que todo o povo entende.
2. Todo o povo tem parte ativa e inteligente nos atos religiosos, e não fica como simples espectador.
3. O padre tem permissão de ser constituído normalmente em família e integrado na pátria, como legítimo cidadão, e não obrigado a ser vassalo de uma potência política estrangeira.
4. A “confissão” auricular não é exigida do comungante normal, que traz a vida em dia segundo a pauta do Evangelho. A mais alta forma de confissão é a que Nosso Senhor encarecidamente recomenda aos seus discípulos: “De tal modo brilhe a vossa luz diante dos homens, que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”. Quem está empenhado em fazer uma tal confissão, não precisa preocupar-se com outras; pode ir livremente à santa mesa do Senhor, sem pedir passaporte a ninguém.
5. A Igreja Católica Livre não se considera espiritualmente separada do catolicismo romano, nem do anglicano, nem do ortodoxo, nem de outros ramos da Igreja universal. Os seus termos da fraternidade são livres, amplos e generosos, como os da paz de Cristo, que é “dada”, e de “graça”, sem cálculos interesseiros. A verdadeira unidade religiosa e social é a que se encontra “diretamente” em Cristo, o grande Mediador, não somente entre Deus e os homens, mas também dos homens nas suas relações uns com os outros. O que dificulta a paz na igreja e entre as nações, são os falsos medianeiros, que pretendem tomar o lugar do único Mediador, o Mediador indispensável, que é Jesus Cristo.

A Igreja Livre assim se denomina, porque não admite nenhum intermediário intruso, como absolutamente necessário, entre o homem e Deus, e entre os homens nas suas relações uns com os outros. A mediação “única” de Cristo devidamente reconhecida e efetivada em prática, é que torna os homens realmente livres, formando as personalidades fortes, marcadas e marcantes, moralmente disciplinadas, e que de forma alguma abdicam da própria responsabilidade pessoal nas mãos de nenhum “infalível” humano.

Certamente que tem em grande estima o sacerdócio dos ministros – bispos, presbíteros e diáconos – como é prova a nossa presença aqui e a solenidade deste dia; mas não faz dos seus ministros uma “casta” divorciada do povo. Uma “classe”, sim, a classe dos serventuários do culto, mas não uma casta de arrepio com o povo.

DEUSES ESTRANGEIROS

O pensamento da Igreja Livre não é o de laicizar ou diminuir os ministros, mas o de enobrecer o povo crente e levanta-lo à altura dos seus privilégios em Cristo, como filhos de Deus e co-responsáveis pela obra do seu reino no mundo. E o primeiro passo da Igreja Livre, neste sentido, é o de celebrar a santa missa e os demais atos religiosos na língua nativa do povo, e não em uma língua que só a casta sacerdotal entende, e quase sempre estranha até o próprio ajudante que diz os responsos como simples papagaio. A missa na Igreja Livre não necessita de intérpretes, como se estivéramos a falar com um Deus estrangeiro e ministros estrangeiros. Pois o primeiro dos mandamentos do Decálogo na antiga Lei era exatamente este: “Não terás deuses estrangeiros diante de mim”. (Ex. 20:30).

Podemos estar certos de que Deus aceita o nosso culto como de brasileiros, em nossa própria língua, santificando a nossa história, as nossas instituições, as nossas legítimas aspirações, o nosso Governo, o nosso Congresso, as nossas forças armadas, os nossos institutos culturais. E grande é o mal que nos fazem todos quantos pretendem apresentar-nos a religião universal de Cristo, como coisa estranha e exótica em nossa terra, como coisa indigesta e inassimilável, especialmente no tocante ao povo laborioso e humilde. E não faltam impertinentes “apóstolos” que querem a fina força ver-nos curvados como escravos ante as aras dos deuses estrangeiros, - como se fora pecado mortal, passível de excomunhão, afirmar a nossa lealdade diretamente a Cristo, como brasileiros, como povo livre, sem a mediação política de imperialismos de feitiço pagão.

Pois o verdadeiro ideal da pátria é, seguramente, o de fazer do nosso país o sítio acolhedor, onde ninguém tenha necessidade de viver como estrangeiro: onde o próprio Deus não seja tido como estrangeiro, mandando-nos as suas ordens de um país de fora, mas o Deus e Pai que está conosco, como igualmente se encontra ao livre alcance de todos os povos e raças do mundo.

E aparecem ainda pregadores de outros “deuses” igualmente estrangeiros, vindos de outras terras, cada qual com o seu culto em rivalidade com os demais, como se houvera muitos deuses e muitos senhores, e não o único Deus e Pai e seu Filho Jesus Cristo, o Rei supremo e Príncipe da paz; “um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Espírito”, segundo a fórmula do universalismo apostólico do campeão do verdadeiro catolicismo que foi o Apóstolo das gentes.

Havia, nos dias apostólicos, os que tentavam impor a todas as nações um Deus israelita, um Cristo israelita. Contra esta tendência, que teria feito da fé cristã uma simples seita judaica e inexpressiva, prevaleceu o princípio da fé universal, católica, livre, adaptável a todos os povos, a todas as condições humanas. Tal foi a grande questão dos dias apostólicos – tornar livre e universal a religião divina, e não prende-la a qualquer situação regionalista. Tal é também a grande questão dos nossos dias – a de

apresentar à pátria e ao mundo o Cristo livre e libertador, “o Senhor que é o Espírito”, e não o Cristo “romano”, ou qualquer outro.

Pois o grande inimigo da fé em nossa época, e que obscurece o seu caráter eminentemente católico e apostólico, são os deuses estrangeiros, os remanescentes do paganismo, com as suas divindades regionais, pretendendo cada qual sobrepor-se às demais pela força. Mas o verdadeiro conceito é o que Nosso Senhor enunciou: que Deus é espírito, livre, onipresente, e não condicionado a qualquer situação geográfica ou política. “Deus é espírito, e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram”. Não era prisioneiro dos Judeus, em Jerusalém, nem dos Samaritanos de Garizim, como fator de cultos rivais. E assim também não é hoje o privilégio de Roma, nem de outros, mas o Deus vivo, santo, livre, acima de qualquer competição política, racial ou regional.

VITÓRIA DA SANTA FÉ CATÓLICA

A Igreja Católica Livre no Brasil é a verdadeira expressão da santa fé católica e apostólica – a fé que levanta e não deprime; a fé que harmoniza e não intriga; a fé que emancipa e não gera escravos. Ou a Igreja recupera a sua liberdade, como Cristo a instituiu, ou deixará de ser católica e apostólica.

Para sermos bem claros em nosso pensamento, diremos que a Igreja Católica Livre não é mais do que a restauração do nobre espírito da própria Igreja de Roma nos primeiros séculos, e que soube ajudar os outros sem lhes impor qualquer supremacia; que se opôs aos regionalismos dissolventes e firmou o princípio da fé universal para todos os povos e raças; que ajudou a manter os termos dogmáticos da santa fé apostólica contra todas as deturpações heréticas. Contra uma tal Igreja de Roma nada temos a opor, e saudamos com prazer o dia, não muito distante, em que ela voltará ao seu verdadeiro espírito, católico e apostólico, livre. Neste ponto estamos absolutamente de pleno acordo com Rui Barbosa, que afirmou: “A nosso ver, a Igreja Católica não se identifica absolutamente com o papismo”.

BABEL E PENTECOSTES

A missa da Igreja Católica Livre no Brasil é celebrada no espírito de Pentecostes, em que o Santo Espírito não impôs nenhuma língua oficial

para todos os povos e raças ali reunidos, mas fez com que todos ouvissem as maravilhas de Deus no próprio idioma de cada um deles. Não temem a diversidade os que encontram a unidade espiritual da fé e do amor. O Espírito de Deus reforma as almas, eliminando delas o mal, inculcando-lhes o bem, porém conservando o frescor e o viço da índole nativa e a peculiaridade do seu feitio racial e nacional. O espírito pagão de Babilônia, pelo contrário, impõe a todos o seu próprio cunho, o seu feitio, a sua bitola. O espírito de Babilônia pode erigir monumentos, como a famosa torre nas planuras de Sanaar, a custa de uma uniformidade imposta pela força e a coerção; mas acaba na confusão. O espírito de Pentecostes atrai os homens, funde os corações em um só propósito, o de honrar a Deus e redimir a espécie humana. O espírito de Babilônia gloria-se das suas próprias obras, dos seus jardins suspensos, da maravilha da sua organização, do seu perfeito serviço de espionagem universal, da fulminância dos seus interditos. Mas o livre espírito de Pentecostes, expressando-se na diversidade das línguas, proclama as grandezas de Deus, o infinito amor de Deus pelas criaturas, e reúne as almas no sentimento de uma só fraternidade universal. “E anunciavam as grandezas de Deus”. Assim foi em Pentecostes.

O espírito pagão de Babilônia só conhece uma forma de autoridade: a do poderio humano concentrado nas mãos de um só, com os foros divinos de infalível, como os Césares da decadência da antiga Roma. O espírito de Pentecostes, pelo contrário, promove a livre distribuição da fé e da autoridade, com o seu ponto central no mundo das realidades espirituais e invisíveis, em Cristo, onde se encontra a verdadeira liberdade que não colide com o princípio da autoridade, que cimenta a única ordem social aceitável aos povos livres.

Tal é o espírito do movimento católico livre no Brasil em alguns dos seus principais aspectos. O catolicismo do Espírito e do culto em espírito e verdade, que não conhece fronteiras políticas nem sectárias, que distribui as bênçãos e não excomunhões, que abre os templos que outros fecham, e que abre as portas dos corações, para que neles penetre a luz divina, levando a todos a mensagem da esperança e da verdadeira caridade que cobre multidão de pecados, transformando os corações e as vidas dos homens, promovendo a harmonia social nas bases da justiça e da equidade.

AS BESTAS APOCALÍPTICAS

Um dos distintivos do imperialismo corrupto da antiga Roma, nos dias apostólicos, denunciado no Apocalipse, era o seu espírito de dominação absorvente, que impunha a marca do seu senhorio em todos e em tudo. Pois

que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, tinham que trazer a marca do imperialismo pagão na mão direita ou na frente – o trabalho escravizado, o pensamento escravizado. E escravizado também o próprio comércio. Pois ninguém poderia comprar ou vender, sem apresentar a chancela, o nome e o número da besta pagã, o fatídico 666.

E situação semelhante é a que hoje, com a roupagem da religião, se pretende fixar como norma em nossa terra. É em face de uma tal perspectiva que surge o catolicismo livre no Brasil, ao lado de outras forças legítimas e afins – para mostrar que a santa fé católica e apostólica é de outro espírito, bastante diverso de muita coisa que se apresenta em seu nome.

AS CHAVES DO REINO

Nosso Senhor deu a São Pedro e aos demais apóstolos as chaves do reino dos céus. Porém estas chaves praticamente se perderam e foram substituídas por algemas para escravizar as almas e as nações, e substituídas também por gazuas para se apropriarem do que pertencem a outrem, e especialmente o que pertence a Deus, como Senhor supremo.

Chaves do Reino dos céus! Mas as chaves, que hoje usam, não são mais as que abrem as portas para os céus, não são as chaves do reino dos céus; pelo contrário, são as chaves da excomunhão que abrem as portas para um reino muito tenebroso, o reino do inferno, para onde, sem a menor cerimônia, presumem de mandar os que não se dobram às injunções dos seus caprichos. As verdadeiras chaves do reino dos céus, ou se perderam, ou se conservam enferrujadas, a um canto, como ferro velho, fora de uso.

Tal é a dolorosa realidade que um dever sagrado nos obriga hoje a expor com toda franqueza. Não há nada mais pernicioso que o uso covarde da intimidação sem fundamento, que abate as almas fracas e leva os demais para a geral descrença.

Se a boa pedagogia desaconselha hoje o meter medo às crianças com o bicho-papão, quanto mais censurável, para não dizer ridículo, não é o procedimento dos que pretendem amedrontar homens maduros e experimentados com a ameaça de um outro formidável “bicho-papão”, que distribui excomuniões sem fundamento!

O primeiro passo, em uma obra de renovação religiosa e social, é eliminar o medo – medo de sortilégios e bruxarias, e também de excomuniões arbitrárias. O primeiro ato de Cristo aos que dele se acercam é remover deles o vão temor. A sua primeira palavra é esta: “Não temais, não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim”. E hoje

especialmente, precisamos agir com inteireza de fé e sem covardes temores.

Como vedes, não incriminamos indivíduos, que podem ser pessoalmente ótimos, como realmente são em muitos casos. Impugnamos apenas um sistema errado, obsoleto, passível de grandes e profundas reformas, para o bem do povo e da própria religião.

E encontramos-nos hoje em uma situação em que nos ameaçam as duas bestas apocalípticas: a que se levanta do mar e a que surge da terra – o secularismo declaradamente ímpio de Moscou e um clericalismo não menos ímpio e usurpador, e que não hesitará em fazer aliança com o próprio gênio das trevas para manter-se no poder, embora tudo mais se arrase. E muitos há que não enxergam outra saída, a não ser a de render-se a um outro destes poderes mundanos. Fogem de Cila, para se arrebitarem nos escolhos de Caríbides. Roma ou Moscou.

Mas há uma verdadeira saída: é a saída para o alto, para Cristo, para a luz da fé e da verdadeira liberdade evangélica que Cristo trouxe ao mundo, como único fundamento da fraternidade universal de crentes livres e povos livres.

Tal é a saída proposta pelo movimento do catolicismo livre no Brasil.

A IGREJA E A FAMÍLIA

Há um tópico, cuja importância é exagerada por alguns, mas que todavia merece atenção pelo seu alcance social e nacional. É a permissão de serem os padres constituídos em família, à maneira dos ortodoxos e dos maronitas, e especialmente os padres e bispos da Igreja Anglicana, cujas famílias, em todo o mundo, servem de modelo ao povo. Uma modificação da disciplina eclesiástica neste sentido, feita com critério, alcançará muitas vocações sacerdotais de incontestável valor e que atualmente se encontram de fora, em prejuízo da vida religiosa nacional. A presença de uma boa esposa, ao lado de um homem dedicado ao serviço do altar, é de grande consequência para o futuro da Igreja e da vida nacional. A medida foi reclamada com instância no Concílio de Trento pelo piedoso Arcebispo de Braga, Dom Frei Bartolomeu dos Mártires e no Brasil pelo eminente sacerdote-estadista que foi o Regente Feijó.

A Igreja Católica Livre no Brasil, de acordo com a tradição apostólica de que São Pedro foi o principal exemplo e expoente, admite padres vinculados à família e integrados assim também na pátria. A Escritura nada diz sobre o casamento de São Pedro; apenas conta que Nosso Senhor foi à casa dele, em Cafarnaum, para curar-lhe a sogra que estava gravemente enferma. É o bastante para mostrar que o celibato não era obrigatório aos

apóstolos, como não foi nos primeiros séculos da Igreja. A Igreja Católica Livre segue nisto a tradição apostólica e os ditames do bom senso. Há certamente um lugar legítimo e de honra para os eunucos que livremente são tais por amor do reino de Deus, mas não para os que são assim forçados para manter um imperialismo político-religioso anacrônico, sem mais razão de ser em nossos dias.

A IGREJA LIVRE

E passemos agora aos pontos culminantes desta Mensagem, e na qual falamos, não apenas em nosso próprio nome, mas em nome de todo o grande movimento de emancipação espiritual em nossa pátria.

E queremos, nesta altura, responder aos que pedem, para cada afirmação religiosa, um texto explícito da Escritura como prova cabal. Não seria necessário isso. Verdades há, fundamentais, que se tiram da Escritura por inferência, e que lá não se encontram literalmente. Tal é, por exemplo, o conceito católico da Igreja. O termo não se encontra “ipsis verbis” na Bíblia, mas o espírito do universalíssimo é o próprio ar de que se acha impregnado o livro santo nos seus dois tomos e que envolve toda a tradição cristã.

Mas o mesmo não se pode dizer do qualificativo “livre”, como distintivo da Igreja, e que se encontra literalmente nos sagrados textos. Não é atribuído à Igreja apenas por inferência, mas por declaração peremptória e verbal de Cristo e seus apóstolos. Falando com os judeus, Nosso Senhor dizia-lhes que é a verdadeira liberdade é a questão fundamental da vida para a salvação. “Conhecereis a verdade – dizia ele – e a verdade vos libertará. Se o Filho vos libertar – acrescentava – sereis realmente livres”. (João 8, 32-36).

Ser “católico” é importante; porém ser “livre” é mais importante ainda, é absolutamente indispensável. Ser livre é sinônimo de ser santo. “Santo sereis, porque eu sou santo”. A liberdade é o remate e a coroa da oração básica que o Senhor ensinou aos seus discípulos: “Livra-nos do mal”. Tal é a liberdade que vem de Deus, como fruto da fé, do amor e da disciplina.

E sobre a liberdade, como aplicada a Igreja, o apóstolo São Paulo é claro e incisivo. Para ele o catolicismo da Igreja só pode ser livre. Escrevendo aos Gálatas, tentados a abrir mão dos seus privilégios de cristãos livres e de espírito universal, emancipados por Cristo, para volver aos termos de uma fé medíocre, de muletas, dependente então de Jerusalém, do seu peculiarismo regional e político, que comprometeria para sempre o espírito católico e livre da Igreja, o Apóstolo se exprime com veemência: “Para a

liberdade Cristo nos livrou; portanto permaneci firmes, e não vos dobreis de novo a um jugo de escravidão”. (Gal. 3,1).

LIVRES OU ESCRAVOS?

Referindo-se o mesmo apóstolo aos dois conceitos da Igreja, o conceito político de dependência regionalista, e o verdadeiro conceito católico, altaneiro, de fraternidade franca, sem barreiras entre os crentes de todas as partes, sem dúvidas e sem suspeitas sectárias, sem hegemonias deprimentes, ele compara o sistema político-religioso de então à situação inferior de “filhos da escrava que gera filhos para a escravidão”. E faz o confronto destes com os crentes livres, cômnicos de sua alta prosápia e das suas responsabilidades, e exclama: “E assim é, irmãos, que nós somos filhos da que é livre, e não da escrava”. (Gal. 4, 31). E o catolicismo livre ele o define como tendo a sua sede, “não na Jerusalém que é cá de baixo, escrava com seus filhos, mas na Jerusalém que é lá de cima, livre a qual é nossa mãe”. (4, 27).

E sobre certos elementos da Igreja, que recusavam então ser livres, escudados em falsos escrúpulos, a linguagem do Apóstolo é rude, ao aplicar-lhes um texto do Antigo Testamento: “Lança fora a escrava com o seu filho: porque o filho da escrava não será herdeiro como o filho da livre”. (Gal. 4, 30). O futuro da Igreja, da pátria e das nações só pode ser assegurado em termos da verdadeira liberdade.

E assim é, que o verdadeiro conceito católico da Igreja é o da Igreja livre, ligada diretamente a Cristo, o seu Chefe e Cabeça, e não condicionada à tutela de qualquer situação geográfica ou política, meramente acidental na vida da Igreja e das nações. Nem a tutela de Jerusalém naqueles dias, e nem a de Roma hoje, ou qualquer outra. Fraternidade em Cristo e cooperação com todos, no Oriente e no Ocidente; jugo tutelar, porém, somente o de Cristo, o sumo Pastor. Tal é a mentalidade livre, que tem olhos para ver a verdade e o bem onde quer que se revelem, e que acolhe todos os verdadeiros valores, sem embargo do seu carimbo de origem.

FARISAÍSMO

Um dos maiores males no mundo religioso, em nossos dias, é ainda o velho farisaísmo. Que vem a ser farisaísmo? Farisaísmo é a mentalidade egoísta e

pretensiosa que faz crer que Deus, a verdade e o bem só podem estar com eles, sujeitos ao seu domínio, sob a sua influência direta, e em nada mais e em ninguém mais. Tudo mais, fora deles, é falso, é espúrio, é ilegal, é pecaminoso, é condenável. A virtude por mais brilhante que seja, deixará de ser virtude, se não estiver sob o seu domínio. Os mais nefandos crimes poderão ser acobertados e silenciados, se forem cometidos à sua sombra e em seu proveito. Farisaísmo foi outrora, e ainda é, hoje, o maior inimigo da santa fé católica e apostólica, e grande entrave para o progresso religioso e social da pátria e das nações. Toda a razão tinha Nosso Senhor Jesus Cristo, quando acautelava os seus discípulos: “Guardai-vos do fermento dos fariseus”. O farisaísmo cria uma mentalidade falsa, energúmena, fomenta a hipocrisia, oblitera o senso de justiça e retidão, e levará, se não for coibido em tempo, aos maiores descalabros.

Não é remédio, contra o farisaísmo de certo feitio, opor-se-lhe outro da mesma natureza, como o de alguns que fazem propaganda sectária entre as massas, fazendo a gente simples acreditar que Cristo só pode estar com eles e os da sua grei, e que os demais pertencem ao diabo e serão jogados nas chamas do inferno. Ninguém será mandado para o inferno na outra vida, só porque os fariseus assim o dizem. Mas o fato é que eles em muitos casos, criam uma situação de verdadeiro inferno, mesmo nesta vida, pelas discórdias, injustificadas, que suscitam no seio das famílias. Ninguém mais se entende, ninguém mais se tolera, a verdadeira fé cai em declínio, e prepara-se o caminho para a geral descrença.

Há também o farisaísmo dos partidos políticos que, vitoriosos, reduzirão tudo à sua própria bitola, e os refratários serão mandados para os campos de concentração ou forçados a fugir para o estrangeiro. Tais são os partidos totalitários, que não admitem dissidências. São os que criam ódios e dificultam a solidariedade social de homens livres e de nações livres.

Em face de farisaísmos religiosos e políticos, em face também das massas que, desiludidas, estão desertando das igrejas, é que o catolicismo livre se apresenta no Brasil e no mundo; o catolicismo que adere à verdade de Deus na inteireza da sua revelação e das legítimas tradições; o catolicismo dos que expõem limpidamente as suas idéias, os seus princípios, mas não os impõem, que acreditam na força intrínseca da verdade, incutida pela persuasão e o exemplo, e não metida a ferro e a fogo nos outros, à maneira medieval do “crês ou morres”.

O catolicismo livre, é o dos que crêem, como o Cristo, na força suprema da oração, e não no poder da compulsão, das perseguições e excomunhões.

“SUPER HANC PETRAM”: “SOBRE ESTA PEDRA”

A mensagem da Igreja Católica Livre no Brasil é de reconciliação, de paz, e unidade em Cristo, consoante a sua oração sacerdotal no cenáculo, na véspera da sua Paixão: “Afim de que todos sejam um; e que, como tu, Pai, és em mim e eu em ti, também sejam eles um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste”. (João 17, 21). É a unidade que tem o seu fundamento no alto, em Cristo, no mundo das realidades invisíveis.

Porém as realidades invisíveis e eternas têm a sua projeção visível no mundo em que vivemos. E Jesus Cristo elegeu os Apóstolos e sobre eles edificou a sua Igreja, de um modo prático e tangível. “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”. Estas palavras do Senhor, em resposta à corajosa confissão do primeiro entre os apóstolos, não morreu com o seu primeiro destinatário: é a palavra transmitida aos demais apóstolos, a todos os bispos, a todos os sacerdotes, a todos os fiéis, na medida em que cada um pode assimilar e por em prática o seu sentido. Deus edifica a sua Igreja, não sobre homens frouxos, medrosos, inconsistentes, indecisos, amorfos, mas sobre homens livres, audaciosos, que possuem personalidade, fortes como granito, como São Pedro e seus companheiros. Assim o entendeu o próprio São Pedro, quando se dirigiu aos fiéis da Diáspora: “Sobre ele (Cristo, a pedra fundamental) sois vós também, quais pedras vivas, edificados como casa espiritual”. (I Ped. 1, 5).

Não é agora o ensejo de discutir esta matéria por extenso. Apenas diremos que nos encontramos aqui em face de dois conceitos de autoridade: o conceito imperialista e pagão de uma autoridade humana, centralizada, compulsória, violenta, e o conceito apostólico de uma autoridade que se impõe pela força da verdade, pelo amor, pela persuasão, pela bondade humilde, longânime, serviçal, sem qualquer intenção de predomínio. Tal é o espírito que há de emancipar a Igreja universal em todos os seus setores e, por meio dela, a todos os povos do mundo contra os perigos iminentes.

O imperialismo pagão acirra ódios, corrompe, fomenta rivalidades insanáveis, divide os crentes, divide o mundo. O espírito apostólico, pelo contrário, levantando o padrão da fé, sem ambições mundanas, promove a paz, a concórdia, a verdadeira liberdade que unifica os corações, firmada no plano das eternas realidades, fora do alcance das contendas humanas.

OS FILHO DE ISRAEL

A mensagem de reconciliação, que em nome de Cristo apresentam os católicos livres no Brasil, não seria completa, se não levasse em conta o mais antigo setor da Igreja de Deus, e que foi o fundamento sobre o qual se ergueu o edifício da fé cristã, a grande esperança do mundo. O povo

hebreu, os filhos de Israel, são ainda o povo eleito; eleito, não para dominar pela força, mas para ser uma luz, erguida no alto para iluminar as nações. A sua permanência no meio das nações, sem serem absorvidos por elas, é o eterno milagre da sarça que ardia sem ser consumida, na visão de Moisés.

E a unidade universal dos crentes não será jamais efetivada sem a reintegração de Israel. O problema de Israel é o problema da Igreja universal e do mundo. Israel não pode ser ignorado. Não o podemos deixar à margem das nossas cogitações.

E como devemos tratar a Israel? Com veneração e respeito, e nunca por pretender ditar-lhes as normas da sua natural evolução. Israel tem arcanos misteriosos que nós, os de outra origem, não logramos penetrar. Só Deus os conhece. Eles serão reintegrados, não em nossos moldes, mas nos moldes da sua própria história, nos moldes do livre espírito de Deus. Aliás é isto um princípio de ordem geral, aplicável a todos os povos e raças do mundo, sem exclusão do nosso próprio país, que não desejamos ver tratado como feitoria de senhorios forasteiros.

A melhor coisa que podemos fazer a favor de Israel, é levá-los a Deus em nossas orações. É o que a Igreja Católica Livre vem há muito fazendo, consagrando-lhes uma missa especial, a “Missa de Israel”, celebrada votivamente às quartas-feiras e facultativamente no primeiro Domingo de cada mês. A Missa de Israel, constante do Missal Brasiliense, o devocionário básico da Igreja Católica Livre no Brasil, conclui com a seguinte Oração em Ação de Graças no tocante ao povo hebreu:

“Graças te rendemos, ó Senhor, pelas inestimáveis bênçãos que nos vieram mediante o povo hebreu: a luz da fé, o conceito de retidão, de pureza e santidade, que enobrece os lares e as nações; a fome e sede de justiça social; o patrimônio das Santas Escrituras; e sobre tudo o dom de Jesus Cristo, teu Filho, o Salvador do mundo, vaticinado pelos profetas, da descendência de Davi segundo a carne, e declarado com poder Filho de Deus segundo o espírito de santidade pela ressurreição dentre os mortos; a quem contigo, ó Pai, e com o Espírito Santo, seja toda a honra e toda a glória por todos os séculos dos séculos. Amém”.

A ALMA NACIONAL

Mas alguém poderá perguntar: Onde se encontra o catolicismo livre, e qual a sua situação no país e no mundo?

O catolicismo livre vai-se avolumando hoje em toda a parte, como desde séculos vem dando o tom à vida religiosa da Inglaterra. Pois a grande Igreja Anglicana, com seus milhões de adeptos em todo o mundo, outra coisa não é senão uma grandiosa expressão do catolicismo livre, com a sua

hierarquia, o seu sacerdócio historicamente legal, o seu culto católico em vernáculo, com seu clero vinculado à família e à pátria, com sua lealdade à tradição católica de fé, de culto, ordem e disciplina, sem prejuízo do seu espírito apostólico de liberdade evangélica.

Católicos livres, os fiéis da “Igreja Católica Independente das Filipinas”, com seus dois milhões de adeptos e dezenove bispos em franca atividade. Católicos livres, os Velhos – Católicos da Europa e da América. Católicos livres são os que hoje no Brasil, com esta ou outra legenda, estão formados em núcleos ativos em vários pontos do país, e decididos a levar por diante a causa sagrada da santa fé católica no seu livre espírito apostólico.

Católicos livres, nós, os que neste momento apresentamos esta Mensagem na Capital da República, de onde seus ecos serão ouvidos em todos os rincões da Pátria.

Católicos livres, finalmente, são toda uma legião de bispos, de padres e fiéis no âmbito inteiro da Pátria, e que suspiram, ansiosos, pelo dia feliz em que poderão afirmar a sua maioria religiosa, como complemento do que politicamente foi afirmado, há mais de um século, nas margens do Ipiranga. Pois a alma nacional, no Brasil, é certamente católica; mas é também livre. É católica livre.

E a paz de Deus seja com todos vós. Amém

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1951

+ Manoel Ceia Laranjeira

Bispo do Rio de Janeiro.